



Montebelo Vista Alegre Ílhavo Hotel ESTÓRIAS E LENDAS

O túmulo que o diabo amassou

Estava já em construção a Capela de Nossa Senhora da Penha de França, quando o Bispo de Miranda decidiu ali erigir dois túmulos. Destinou o seu no lado da Epistola e queria que fosse um insigne artista o que viesse a perpetuar a sua memória. Pensava o Bispo a quem recorrer para tão ambicioso projecto e onde encontra alguém cujos pergaminhos fossem de tal nível que glorificassem de forma indelével a sua memória, quando lhe apareceu um desconhecido e lhe disse que sabia em que ele pensava. E mais, que ele não encontraria artista que lhe fizesse tão magnífica obra. Perante tão enigmática afirmação e instado a que se identificasse, o homem acabou por retorquir que era um estranho, que vinha de muito longe e que adivinhava o que o Bispo pensava e sabia muito bem o que ele pretendia. O Bispo estranhando mandou-o embora e insistiu para que o deixasse em paz até que o estranho acabou por afirmar que era escultor e que era a pessoa certa para lhe fazer o trabalho.

A insistência continuou mas o Bispo não acreditava no estranho que lhe pedia para o contratar ou se oferecia para fazer uma prova. O Bispo já exaltado mandou-o embora uma vez mais. E perante a teimosia: - *Mas eu faço uma experiência, sr. Bispo?* - o prelado praguejou irritado despachando-o com um: - *Faça o diabo... e deixe-me!*

Dias depois o desconhecido reapareceu e interpelou: - *Sr. Bispo, disse-me que fizesse o diabo, aqui está feito.* O Bispo fora apanhado completamente desprevenido. - *Está feito o quê?* Mas o estranho era peremptório: - *O diabo! A imagem de Satanaz....* O Bispo procurava livrar-se do estranho - *Está a zombar comigo?* Aí o estranho desafiou: - *Não sr. Bispo, falo a sério, quer vê-lo?* Vencido pela insistência o Bispo acedeu: - *Agora fiquei com curiosidade.*

E o Bispo foi observar a figura e tão perfeita a achou que naquele mesmo dia entregou ao estranho a tarefa de executar as artes para a obra da Capela.... E após realizar tão majestoso túmulo o artista desapareceu tão misteriosamente como tinha aparecido.

A lenda ficou mas da estátua de Satanás nunca mais ninguém ouviu falar... e permaneceu para sempre a pairar no ar a dúvida se não seria o próprio demo o escultor.

O caminho das águas

A construção da Fonte do Carapichel e da Capela são realizadas em período coevo ou mesmo em simultâneo, pelo que as obras estão ligadas entre si. A inscrição da fonte assegura mesmo que a principal nascente provem do interior do templo o que daria propriedades miraculosas às águas que ali brotam.

Os antigos afiançavam mesmo que a rede de túneis e minas que alimentam a fonte têm origem debaixo da própria Capela o que criou muitas crenças nos efeitos de santas curas que a água conseguia. Mas muitos acreditavam ainda que estes acessos permitiam também outro tipo de passagens em exclusivo para visitantes ou pessoas conhecidas poderem entrar sub-repticiamente, ou com finalidades menos santas, directamente nas instalações do Bispo, ao lado da Capela!?!?

Um médico no caminho

O Bispo D. Manuel de Moura Manuel ocupou ao longo da vida altos argos como, por exemplo, reitor da Universidade de Coimbra ou juiz inquisidor da Santa Inquisição, antes de chegar ao prelado. Já Bispo de Miranda viajava com regularidade entre Miranda, Coimbra e Ílhavo. Numa das suas viagens para S. Pedro do Sul, adoeceu perto de Viseu e mandou chamar um médico para o tratar.

O Bispo morreu tão rapidamente que ficou no ar que ali houve mãozinha do médico chamado a Ferreira de Aves, pois este tinha tido sua mãe condenada ao fogo pela Inquisição, chefiada pelo próprio Bispo que ali, naquelas circunstâncias, ficara à sua mercê.

O que se passou ao certo nunca ninguém saberá mas a rápida morte do Bispo e conversas e cartas da altura afiançavam que o Bispo morrera envenenado, deixando em aberto um cenário de vingança contra crueldade inquisitorial...

Abrilada, Maria da Fonte, Patuleia e outras guerras...

Jose Ferreira Pinto Basto de convicções liberais, lutou por elas e chegou a estar preso pelos seus ideais, por alturas da “Abrilada”, em 1823. Em determinada altura, ordenou mesmo aos operários da Vista Alegre, com menor ocupação pelos tempos conturbados que se viviam, para formarem um batalhão nacional da Vista Alegre, que foi combater na sequência da revolta da Maria da Fonte. A bandeira destas incursões ainda hoje é peça do Museu da Vista Alegre.

Estávamos nos primeiros momentos da Patuleia e em poucos dias tinha os operários da sua fábrica armados e equipados em defesa da causa popular e, em seguida, marcharam para o Porto, sob o comando do director fabril, Alberto Ferreira Pinto Basto, tendo ali entrado a 27 de Outubro de 1846, integrados nos batalhões comandados pelo Visconde de Sá da Bandeira.

Em resultado da valentia e bravura demonstradas, a Junta promulga uma portaria, a 22 de Novembro, atribuindo quatro cruces da Ordem de Torre e Espada ao Batalhão da Vista Alegre.

Pero de Solana

A louça de porcelana do oriente já era conhecida na Europa em meados do século XV, segundo documentos antigos. Mas o certo é que não era essa a designação pela qual era conhecida por aquelas paragens longínquas. No entanto, só após a viagem marítima de Vasco da Gama, se começou a vulgarizar o seu uso na Europa. É então, no primeiro decénio do século XVI, que se inicia a sua importação com o transporte de grandes lotes desta louça. Transportou-a, segundo a tradição, um navio de que era comandante um antigo marítimo de nome Pero Solana. De toda a Europa passaram a chegar pedidos da “louça de Pero Solano”. Daí à “louça de persolana” por corruptela se teria rapidamente chegado à *porcelana*, para designação definitiva deste produto.

Em contraponto, a palavra porcelana não é de facto de derivação oriental mas sim de origem latina. Identifica um género de molusco e em especial a conchção calcária, brilhante, branca e rígida que reveste interiormente a concha do molusco.

De uma forma ou de outra, o que é certo é que não sendo a designação importada do oriente, o produto em si, esse sim, é originário dessas terras do sol nascente.

Primeiro importa-se, depois fabrica-se

Depois de muitas primeiras experiências, nas quais se destaca o nome de João Drouet, na fundição do Arsenal do Exército em Lisboa, as primeiras peças de porcelana dignas desse nome, fabricadas em Portugal, são atribuídas ao tenente-general Bartolomeu da Costa, aproveitando os inventos e fornos construídos em 1761 por Drouet, com argila por este descoberta junto do rio Vouga, originária portanto da região da Ria de Aveiro. Também por esta altura, Domingos Vandelli, professor na Universidade de Coimbra e fundador de duas fábricas de faiança, uma naquela cidade e outra em Gaia, realizou experiências no laboratório da Universidade de que resultou a produção de peças de porcelana.

De todas estas tentativas chegaram até nós várias medalhas, quase todas produzidas por Bartolomeu da Costa, o fundidor da estátua equestre de D. José, situada no Terreiro do Paço, em Lisboa, um feito notável para a época e pelo qual ele é de facto reconhecido.

Certo é que o primeiro a conseguir fabricar porcelana de forma consistente e continuada foi José Ferreira Pinto Basto que, após uns primeiros ensaios realizados no seu Palacete em Lisboa, construiu a Fábrica da Vista Alegre. Foi aqui que, após as primeiras experiências, se veio a produzir porcelana de primeira qualidade e em quantidade rentável, depois do seu operário Luis Pereira Capote ter descoberto jazidas de caulino apropriado, em Vale Rico, perto da Feira.

No entanto, ainda demoraria alguns anos até se conseguir estas condições para produção da porcelana, após 1932 quando Luis Pereira Capote descobriu jazidas de caulino em Val Rico. Certo é que chegaram até nós, peças decoradas com o retrato do fundador já com uma chávena de porcelana na mão, de fabrico na Vista Alegre, produzidas portanto, pouco antes da sua morte que ocorreu em 1839. Mas existem peças anteriores, nomeadamente uns célebres conjuntos de chávena e pires com decoração primorosa e que estão assinadas “Fabre Lusitano pinxit”, referência ao pintor João Maria Fabre, aluno da Casa Pia, contratado por José Ferreira Pintos Basto em 1826 e falecido em 25 de Fevereiro de 1829. Estão identificadas como peças da “primeira fornada” provavelmente produzidas para provarem a capacidade da fábrica e manter os seus privilégios.

São de facto peças que ainda hoje impressionam pela qualidade e valia artística, mas sendo tão prematuras, poderão ter sido peças importadas e “apenas” decoradas na fábrica. Seja como for, importadas ou integralmente fabricadas, representam hoje a cédula de nascimento da porcelana na Vista Alegre e o ponto de partida da sua longa história.